



A Câmara Municipal de Lisboa, que dedica o seu tempo a tristes fantochadas políticas, esquece criminosamente os interesses da cidade.

A cidade do lixo O Grupo "Seara Nova" ante a política de momento

Lisboa é das cidades do mundo que menos comodidades oferece para habitar. É o hábito de ser mal servido que leva o lisboeta a suportar com resignação cristã, com calma revoltante a ineptia duma vercação de opereta.

As ruas são intrajitáveis. O lixo, a má regulamentação do trânsito, a falta de regras martirismo o municípe; os mercados exalam um cheiro nauseabundo; os marcos fontenários estão escangalhados; o empedrado das ruas magoa os pés; os urinóis desapareceram, as peixarias entornam-nos a água do peixe sobre o fato; as carnes vendem-se podres — e a Câmara Municipal dorme.

A fiscalização à construção de edifícios, a iluminação da cidade, a viação eléctrica e o abastecimento de água potável são os problemas cuja resolução é inadível.

É absolutamente necessário que o povo de Lisboa se imponha à vercação municipal de forma a obrigá-la a ter mais consideração pela vida dos que andam sobrecarregados de impostos para possuir uma Câmara que torne esta velha cidade habitável.

Lá porque pela cabeça do presidente da república passara a ideia de renúncia do seu cargo, logo a Câmara quiz organizar «uma manifestação nacional»; quando, porém, sob os escumbrões dum prédio mal construído, por culpa da má fiscalização camarária, porderam a sua vida alguns operários, a Câmara não pensou em organizar manifestações, nem tentou remodelar por completo esse serviço de fiscalização.

E estamos nós, os habitantes de Lisboa, entregues ao cuidado de tam agradáveis veredores.

A iluminação da cidade é um problema que dorme o sono dos justos, quando afinal elle constitui a maior injustiça, a maior iniquidade a que o povo «alfacinha» tem estado sujeito.

É positivamente vergonhosa esta questão. A capital do país, «a cidade de mármore e de granito», não tem iluminação. Há ruas onde os transeuntes correm o grave risco de esbarrar com as paredes. Temos cidades da provincia cuja iluminação envergonharia Lisboa. Como a capital só existe Aveiro, onde a treva é opaca e sufocante. Que esforços tem feito a Câmara por obter luz para os seus municípes? Desde o início da guerra que a cidade não tem luz. Há cerca de seis anos que o gaz — o miserio gaz que apesar de mau era uma maravilha se o compararmos com a obscuridade completa — nos abandonou.

Durante seis anos não conseguiu a Câmara Municipal de Lisboa fazer com que as Companhia Reunidas Gaz e Electricidade nos fornecessem luz.

A viação eléctrica é cara e a Companhia permite-se a liberdade do servir mal o público, retirando carros da circulação, aumentando os preços das tarifas e acabando com as assinaturas.

O fornecimento de água é essa cousa lamentável que todos nós sabemos: caro e escasso.

Assim o lisboeta vive crucificado na preguiça duma vercação formada por elementos heterogeneos, saídos dos grupelhos políticos que vão para o pelouro, fazer o jogo dos seus grupelhos e nunca defender os interesses dos que se esfalfam, suam e pagam — sem sequer gemer.

O que o dr. sr. Jaime Cortesão disse à "Batalha"

A verdadeira revolução deve ser feita nos costumes usando-se a educação como arma principal e a ideia como objectivo orientador»

O sr. dr. Jaime Cortesão recebeu-nos no seu gabinete da Biblioteca Nacional. Expostas com a simplicidade as razões determinantes da nossa visita o autor de «Adão e Eva» disse-nos que a ocasião não era das melhores para uma entrevista.

Lebramo-nos dos leitores de «Batalha» e insistimos. O sr. dr. Jaime Cortesão deixou amavelmente crucificar a sua razoável evasiva e a entrevista começou.

—O grupo «Seara Nova» deve ter definido a sua opinião sobre os ultimos acontecimentos.

— Sendo esse grupo aliado às intrigas dos partidos políticos e ás diabólicas combinações financeiras, seria interessante conhecer o seu pensamento.

— É tão raro, encontrar-se uma opinião, desída de interesses materiais, vestida de sinceridade, isenta de hipocrisias políticas...
— O sr. dr. Jaime Cortesão propôs que conversássemos. E a certa altura, a uma pergunta nossa, respondeu:

— O grupo «Seara Nova» condena os movimentos revolucionários, por considerar que eles nada movimentam nem revolucionam. Portugal está profundamente augeico, mas não serão essas pilulas Pinck que restituirão o sangue novo que lhe falta.

— Os homens em quem os revolucionários põem as suas esperanças, por maior competência que possuam, não podem modificar, no intervalo duma revolução para a outra, velhos erros. E alguns dos quais são seculares...
— Como poderiam elles eliminar-se num sarilho de tiros e conflitos?

— Fosse isso possível e já há muito que eles estavam bem enterradinhos.
— Ora não tem feito falta nem conflitos, nem tiros.

«Entendo que a influência militar na república nada tem produzido de útil» — diz nos o dr. sr. Jaime Cortesão

A conversa transitará das revoluções para o exercíto. O jornalista, a tatear opiniões, observou:

— Não considera nefasto o predomínio do militarismo na vida pública? A caserna, alargando a sua acção sobre os 89.000 quilómetros quadrados deste país, fez com que se recorresse a propósito de tudo, e sempre despropositadamente, à força cega, bruta, inconsciente. A loucura do saber... Os messias já hoje não tem cabelleiras revolucionárias e românticas. Despiram os jaquetões e envergam fardas...
— Entendo que a influência militar na república nada tem produzido de útil. As espingardas não substituem as ideias. Ora nunca Portugal teve tantas espingardas e cada vez parece mais desconhecer e até desprezar as ideias. Esse culto da força — que para ai se faz e nelasto, é absurdo, é anti-republicano.

— O problema da ordem não pode ser baseado na força armada. A república tem confiado demasiado nela.

— E para lhe dizer que fez mal, basta recordar-lhe a desordem em que temos vivido. A anormalidade está metódicamente organizada, está quasi normalizada.

Um general contra o exercíto — Impõe-se a redução dos efectivos militares

O jornalista aludiu à guarda republicana. O dr. sr. Cortesão declarou-nos:

— O exercíto é a última modalidade do parasitismo. — Os conservadores — disse-nos — afirmam que o povo é mandrião.

— Não o creio. Este povo não é inimigo do trabalho. No século XV e principios do XVI existiu uma organização de classes e de trabalho que permitiu a grande actividade que caracterizou essa época. As descobertas deulhamaram essa esplendida tendência. Contudo pezam sobre o povo algumas taras hereditárias. Mas é he de libertar-se delas.

— O movimento sindicalista exerce, ao contrário do que muitos julgam, uma influencia benéfica, e de caracter educativo nas restantes classes, contagiando-as.

— A organização social deve ser baseada no trabalho e por ele se chegará a liberdade.

Presos por questões sociais

Ainda há presos nas masmorras da república. O proletariado não deve desarmar enquanto o governo os não puser em liberdade

A comissão pró-presos avistou-se ontem com o secretário da presidencia do ministério, a fim de reclamar a libertação do operário José Augusto Marques, preso em Vila Nogueira de Azeitão por ter distribuído um manifesto comunista. Foi-lhe prometido que esse operário seria ontem mesmo posto em liberdade.

A mesma comissão entrevistou o director da Polícia da Segurança do Estado sobre a situação do operário italiano Giovanni Michaeli, tendo-lhe sido prometido que esse camarada seria hoje restituído á liberdade.

Continua hoje as suas «démarches» junto do ministro da Justiça a fim de esclarecer a situação dos restantes presos.

Ferrovários do Sul e Sueste

Na assembleia magna dos ferroviários do Sul e Sueste, efectuada no passado domingo no Barreiro, foi resolvido por aclamação enviar o seguinte telegrama à Confederação Geral do Trabalho:

«Ferrovários do Sul e Sueste», reunidos em assembleia magna, reclamam do presidente do ministrio a libertação dos presos por questões sociais e dão á C. G. T. todo o apoio para tornar efectiva essa aspiração da classe operária. — Presidente da mesa, *Figueiredo*.

Metalúrgicos de Aljustrel

O Sindicato Unico Metalúrgico de Aljustrel, em assembleia magna, deliberou enviar o seguinte telegrama ao presidente do ministrio:

«O Sindicato Unico Metalúrgico de Aljustrel, reunido em sessão magna, resolveu pedir a V. Ex.ª a imediata libertação de todos os presos por questões sociais».

O Comércio, está procedendo a uma sindicância a todos os serviços dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

A Arte e os artistas

A exposição de arte catalã

A partir do dia da abertura da exposição de arte catalã, realizaram-se hão diáriamente conferências sobre temas artisticos no local daquela certamen, que, como se sabe, é o grande salão da Sociedade Nacional de Bellas Artes. As conferências serão feitas por pessoas em destaque nos meios intelectuaes portugueses e catalães.

Uma sindicância aos serviços do Minho e Douro

O sr. António Ortigoza Peres, director da 8.ª repartição da direcção geral da contabilidade pública, ministério do

NA ALEMANHA

O 13.º Congresso dos sindicalistas alemães

O conhecido anarquista Rodolfo Rocker profere um importante discurso sobre o movimento sindicalista na Alemanha

A acção dos sindicalismo alemão, disse Rocker, é inspirada nas concepções libertárias. O seu órgão oficial defende abertamente a tendência libertária e federalista.

Os acontecimentos da Rússia e da Alemanha ensinaram-nos que os partidos políticos que aspiram á conquista do Estado são um obstáculo ao desenvolvimento da revolução social, e que as suas palavras tem só por fim afastar cada vez mais a classe operária da sua emancipação efectiva, a qual só se poderá obter com a destruição, e não com a conquista do poder politico. Por estas razões é necessário, que os militantes sindicalistas se afastem destes partidos».

Pela Internacional Sindicalista autónoma

Assistiram ao congresso os representantes dos seguintes organismos estrangeiros: Lansink pelo Secretariado do trabalho da Holanda, Casparsson pelas organizações suecas, Williams pelos Trabalhadores Industriais do Mundo, da América do Norte, (I. W. W.) A União Sindicalista Italiana telegrafou, comunicando que o seu delegado Armando Borghi não podia assistir ao congresso, em vista do governo alemão lhe ter recusado os passaportes. Alguns organismos minoritários franceses enviaram também a sua adesão cu desculpas por não comparecerem no congresso.

Realizou-se uma reunião extraordinária com todos os delegados estrangeiros, tendo sido aprovada sobre a constituição duma Internacional Sindicalista autónoma a seguinte ordem do dia:

«No intuito de o congresso da Internacional sindicalista vermelha, realizada em Moscúvia, como resultado a constituição duma verdadeira Internacional sindicalista, os representantes das organizações sindicalistas da Alemanha, Holanda, Suécia, Checoslováquia e dos I. W. W. da América do Norte, reunidos em 13 de Outubro de 1921 em Düsseldorf, decidem convocar um novo congresso internacional sindicalista autônomo. Também a União Sindicalista Italiana aderiu telegraficamente.

«As bases deste novo congresso serão as que foram estabelecidas na resolução do convenio preliminar de Berlim (de dezembro de 1920), menos a sexta passagem.

«O conselho de informações fica encarregado de organizar o congresso para a primavera do ano próximo, provavelmente na Alemanha».

Apresentada esta ordem do dia ao congresso foi aceite por unanimidade. Em seguida, foi decidido, que o próximo congresso se realize em Eriurti.

Os trabalhos foram encerrados com umas breves palavras de Fritz Kater.

«Conforme aos principios federalistas de completa e consciente responsabilidade e de absoluta liberdade de iniciativa, toda e qualquer influencia de partido ou doutros organismos economicos deve ser excluída, e os aderentes ás organizações sindicalistas não podem fazer parte dum partido politico».

As eleições da nova comissão

As eleições da nova comissão deram como resultado a nomeação de Hafiner para tesoureiro, ficando Kater no seu antigo lugar de secretário, para redactor do «Syndikalist» foi escolhido Koster em substituição de Winkler.

Foram aprovados também pelo congresso os relatórios deste último camarada sobre a propaganda a fazer entre as mulheres, e o de Rocker sobre «Capitalismo, Militarismo e Anti-Militarismo».

Posta em discussão a questão da «imprensa» exprimiram os congressistas a sua simpatia pelo diário sindicalista-anarquista *Die Schoeffung* que se publica há alguns meses em Düsseldorf, fazendo votos para que pas suas colunas se estabeleça a unidade de conceitos necessária para a intensificação do movimento.

o momento internacional

NA POLONIA

A greve dos metalúrgicos em Léopol

O conflito entre metalúrgicos de Léopol e os seus patrões, por estes não quererem aceitar o contrato colectivo de trabalho.

A greve vai-se estender a todas as empresas.

A derrocada do partido socialista

O partido socialista polaco encontra-se em véspera de decomposição, tendo já todo o proletariado consciente da Polónia demonstrado claramente a nenhuma confiança que nele deposita.

Os partidos socialistas dos estados vizinhos negam-se a entrar em relações com ele, por o considerarem um agente do imperialismo polaco, perfilhando ideias «ultra-anexionistas» e só vivendo do auxilio que lhe dão os órgãos de protecção do Estado.

NA INGLATERRA

Falú a tentativa de organização duma nova Internacional

Faliram as negociações iniciadas entre o partido trabalhista inglês e os representantes da Internacional de Viena (Segunda e meia). O *Daily Herald* publicou as cartas trocadas entre as duas organizações, nas quais a Internacional de Viena afirmou que não podia admitir os estreitos pontos de vista dos trabalhadores ingleses, porque estes queriam não só excluir todos os partidos comunistas, mas tambem o partido socialista italiano. O partido trabalhista, por sua vez, declarou que nunca teve a intenção de excluir o partido socialista italiano, e que não se tinha constituido a nova Internacional, porque a Internacional de Viena deixava esperar que os partidos comunistas estivessem «maduros» para isso.

Revolutionários

Quando o vivo leva corte Nos a sus dias, a valer, É então, que éle tem sorte Pois, na vida, queriam crer, Não há nada como a morte.

Ontem, dia de linados, Não casei, não soubeiria, Dos parentes, contistados, A vista, em romaria, Aes defuntos, seus amados.

Um cheios os caminhos De romeiros, em longa escolta E os mais delles, cotiduihos, Não se esqueceram «a volta» Do Manuel dos Passarinhos.

«Terra, cinza, pó e nádel» Não acaba o rebeloiro, Desil viú, encunhada Para a ilha do Sumco, Que é o terreno da jornada.

Guerras, lutas pelo facho, Desavenças entre irmãos Pela posse do pincho, Tudo acaba as tuas mãos, Camarada Ze do Sachô!

Ferrovários do Sul e Sueste

Uma assembleia magna

No teatro República, do Barreiro, deve efectuar-se hoje, pelas 20 horas, uma assembleia magna do pessoal ferroviário do Sul e Sueste, para serem apreciadas as «démarches» realizadas pela respectiva comissão e no respeitante ás reclamações apresentadas ao governo.

Operários: comprando A BATALHA, assinando-a, conquistando para ela leitores, assegurais o sucesso dum jornal que á vossos

Como baixariam Segundo a Imprensa Livre o dr. Campos Lima, na

lo consultado para a in lusão o seu nome naquela comissão que convidou o povo trabalhador a acompanhá-las demarches que vai fazer para que o governo cumpra o programa revolucionário, principalmente no que respeita a carestia da vida.

É provavel que com os outros indivíduos que compõem a tal comissão outro tanto tivesse acontecido. E era uma comissão assim que pretendia ter força para meter os comerciantes no orden.

Ilusão ou mistificação? A *Tribuna* jornal que no Porto se tem publicado com certa regularidade, chama numã espaventosa ent-ête a celebre e malograda manifestação de domingo nomes tais e tam afastados da logica, que parece que ela lhe subiu á cabeça.

Liberdade ou morte, grita o periódico portuense que por amor a Afonso Costa ou ao partido democrático, seria capaz de pedir a morte da Liberdade.

Diz mais a preciosissima *Tribuna* que o povo inteiro tomou parte na manifestação que será, segundo os seus entusiasmos, nacional.

A *Tribuna* está iludida ou quer iludir os ingenuos.

O povo inteiro não foi á manifestação — absteve-se dela.

E as revistas do ano, imorais e absurdas, costumam ser dez vezes mais concorridas sem que ninguém se lembresse de lhes chamar nacionais.

Jornalismo católico A «Época» católica pretende insinuar que no movimento revolucionario haviam fortes correntes bolchevistas denunciadas pelas tentativas de assassinato de capitalistas e industriais de destaque. A «Época» insiste: feita proposadamente a verdade, porquanto sabe que o operariado se manteve alheio ao movimento revolucionário, não tendo nele a menor responsabilidade ou influencia.

A «Época» queixa-se da brandura havida para com os incriminados no norte dr. Pedro de Matos, como se elle tivesse provas contra os jovens sindicalistas julgados e justamente absolvidos. Serão muito católicos os seus processos jornalísticos, mas são poucos dignos.

A C. G. T. nada tem, nada quiz ter com as revoluções políticas. E durante o último movimento revolucionario o operariado soube manter uma attitude digna e correcta.

A «Época» é que se mantém indigna e incorrecta.

Como sempre...

Ver na 3.ª página o nosso folhetim

A revolta da carne

A revolta da carne